

Boa Nova para cada dia / Junho 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (*Semanas*)

António Santana, s.j. (*Domingos*)

Tempo Comum – Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo /
Sagrado Coração de Jesus

Seg, 1 – S. JUSTINO (Memória)

Dia da Criança

Tob 1, 3; 2, 1b-8 / Slm 111 (112), 1-2.3-4.5.6 / Mc 12, 1-12

... a herança será nossa. (*Evangelho*)

Os fariseus entendiam ter a interpretação certa das escrituras. E achavam que só eles é que sabiam como seria o Messias – a herança. E Jesus não encaixava nos esquemas deles. No fundo, eles queriam um Messias que conseguissem manipular. Se nós quisermos moldar a realidade à nossa medida também saímos frustrados, porque o «espírito sopra onde quer». Jesus continua a trocar-nos as voltas. Descansemos n’Ele e abramo-nos a Ele, que a nossa vida corre melhor.

Ter, 2 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 2, 9-14 / Slm 111 (112), 1-2.4.7.8-9ab / Mc 12, 13-17

... és sincero e não te deixas influenciar por ninguém. (*Evangelho*)

É tempo – é sempre tempo – de sermos sinceros e de não nos deixarmos influenciar por ninguém (que nos influencie mal). E o que quer dizer sermos sinceros? Quer dizer podermos mostrar o que somos, o que implica termos um interior «mostrável». Daí que tenhamos que fazer um esforço pela pureza, pela hombridade, pela rectidão do nosso interior. Hoje, o leitor medite sobre isso.

Qua, 3 – SS. CARLOS LWANGA E COMPANHEIROS, Mártires (Memória)

Tob 3, 1-11a.16-17a / Slm 24 (25), 2-3.4-5ab.6-7bc. 8-9 / Mc 12, 18-27

... nem eles se casam nem elas são dadas em casamento; mas serão como os anjos.
(*Evangelho*)

Quantas amizades não são mais profundas que muitos casamentos. As nossas relações no Céu são muito superiores às relações entre marido e mulher. A relação com cada um dos nossos irmãos no Céu, ao longo do tempo e do espaço infinitos, atinge o amor infinito para o qual todos caminhamos. E caminhamos desde já. Essa relação já começou. O leitor tem consciência disso? O leitor age consoante?

Qui, 4 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

Tob 6, 10-11; 7, 1.9-17; 8, 4-9a / Slm 127 (128), 1-2.3.4-5 / Mc 12, 28b-34
Qual é o primeiro de todos os mandamentos? (Evangelho)

O primeiro de todos os mandamentos é amar a Deus com todas as forças. E o que é amar a Deus com todas as forças? Ficaremos sem forças para mais nada? Não, não pode ser isso. Terá que ser amar a Deus com todas as forças ao mesmo tempo que fazemos outras coisas com todas as forças. Então, o amor a Deus tem que impregnar tudo o que fazemos. O leitor não acha? Reze sobre isto.

Sex, 5 – s. BONIFÁCIO (Memória)

1ª SEXTA-FEIRA

Tob 11, 5-17 / Slm 145 (146), 1-2.7.8.9.10 / Mc 12, 35-37
O Senhor levanta os abatidos. (Salmo)

Deus, de facto, levanta os abatidos. Pode é não ser da maneira que nós estamos à espera. Podemos é estar à espera que funcione como um café, um jacto súbito de energia enquanto, muitas vezes, a maneira de Deus Se manifestar é suave, quase imperceptível, para uma pessoa não treinada. Qual é a experiência do leitor? O leitor medite nela.

Sáb, 6 – SEMANA IX DO TEMPO COMUM

1º SÁBADO

Tob 12, 1.5-15.20 / Tob 13, 2.6.7.8 / Mc 12, 38-44
[Os escribas] devoram as casas das viúvas. (Evangelho)

Ainda hoje nós, mesmo não sendo escribas, devoramos as casas das viúvas. Sempre que não fazemos tudo o que podemos por elas. Viúvas, aqui, é só um símbolo. São as pessoas necessitadas. E em que é que contribuímos para a situação delas? Aparentemente, em nada, mas na medida em que não fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para diminuir a pobreza à nossa volta, contribuímos para a situação daquelas viúvas. Caro leitor, medite nisto.

Dom, 7 – SANTÍSSIMO CORPO E SANGUE DE CRISTO, (Solenidade) – ANO B

Ex 24, 3-8 / Slm 115 (116), 12-13.15.16bc.17-18 / Hebr 9, 11-15 / Mc 14, 12-16.22-26

A Igreja celebra neste domingo a Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. Jesus está presente do meio de nós de muitas formas, mas sobretudo na Eucaristia. No pão e no vinho consagrados, a presença real de Jesus alimenta a nossa fé, fortalece a nossa esperança e confirma-nos no amor ao próximo.

No Livro do Êxodo, encontramos Moisés a enviar a Deus o sacrifício do povo. No sopé do monte Sinai constrói um altar, oferece alguns novilhos em holocausto como sacrifícios pacíficos ao Senhor. Depois, tomando o Livro da Aliança e aspergindo o povo com o sangue, diz: «Este é o sangue da aliança que o Senhor firmou convosco». No ritual descrito encontramos o gesto de purificação do povo diante de Deus, que deveria acontecer periodicamente.

Deus estabelece uma aliança com a humanidade e propõe uma relação baseada na fidelidade, que o povo deve purificar de tempos a tempos. No gesto simbólico de Moisés está a marca da confiança, da comunhão entre Deus e os homens. Se o caminho nem sempre é linear, pelo pecado do povo, não deixa de permanecer a certeza de que só Deus é o autor da vida, é Ele quem a renova e a torna mais plena.

O autor da Epístola aos Hebreus recorda este rito da renovação da Aliança do Antigo Testamento, mas como abertura e preparação da nova relação alicerçada na Eucaristia. Jesus é o mediador da nova Aliança, abre a humanidade a uma forma de comunhão a partir da sua própria vida encarnada. Já não servem os sacrifícios antigos.

Cristo é o verdadeiro cordeiro que veio para salvar todos os homens com o derramamento do seu sangue: «se o sangue de cabritos e de toiros e a cinza de vitela, aspergidos sobre os que estão impuros, os santificam em ordem à pureza legal, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno Se ofereceu como vítima sem mancha, nos purificará para servirmos o Deus vivo!». Os primeiros sacrifícios não eram mais que figura do sacrifício de Cristo, anúncio da Boa Nova da salvação. A aliança trazida por Jesus é definitiva, abre a uma vida nova, à participação plena da vida de Deus. Em cada Eucaristia, tornamos actual o sacrifício de Cristo, que nos reconciliou com o Pai, que Se faz presente no meio de nós.

Por fim, no Evangelho de S. Marcos assistimos à instituição da Eucaristia. São-nos relatadas as palavras de Jesus que ainda hoje ouvimos quando celebramos a Missa: «Tomai: isto é o meu corpo» e «Este é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado pela multidão dos homens». Diante de Jesus que Se reúne com os discípulos, recordamos a solene Missa da Ceia do Senhor, celebrada na Quinta-Feira Santa, em que se lê o relato do lava-pés e se associa o sacrifício de Cristo ao serviço. Repetir os gestos de Jesus é fazer como Ele fez, em atitude de disponibilidade para ir ao encontro de quem mais precisa, alimentando os outros nas suas fragilidades da mesma forma que somos alimentados pelo Corpo e pelo Sangue de Cristo.

Seg, 8 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 1, 1-7 / Slm 33 (34), 2-3.4-5.6-7.8-9 / Mt 5, 1-12
Bem-aventurados os pobres em espírito... (Evangelho)

Um pobre no seu espírito é-o naquela parte de si que se relaciona com Deus. E o que é ser pobre «naquela parte de nós que se relaciona com Deus»? É precisar nessa parte que se relaciona com Deus. E de que é que essa parte mais precisa? De Deus. Logo, um pobre de espírito é uma pessoa que é pobre de Deus. Por isso, é que o reino dos Céus é dela: porque a pessoa, assumindo-se pobre de Deus, deixa-se encher por Deus. O leitor é pobre de espírito?

Ter, 9 – SEMANA X DO TEMPO COMUM

2 Cor 1, 18-22 / Slm 118 (119), 129.130.131.132.133.135 / Mt 5, 13-16

Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens. (Evangelho)

A nossa luz deve brilhar diante dos homens para que os homens possam progredir através do exemplo e para que possam perceber a influência de Deus nas nossas vidas. Não para que nós brilhemos. Não somos nós que brilhamos, é a luz. A luz, é a luz da realização das nossas boas obras, daquilo que somos e do nosso contacto com Deus. Para que os homens se sintam inspirados por nós e pela acção de Deus em nós. Então e aquela questão da mão direita não dever saber o que faz a esquerda? É para termos sempre presente que o que se glorifica é Deus. O leitor brilha?

Qua, 10 – SANTO ANJO DE PORTUGAL (Memória)

Dan 10, 2a.5-6.12-14ab / Slm 90 (91), 1.3.5b-6.10-11.14-15 / Lc 2, 8-14

O Senhor mandará aos seus anjos que te guardem. (Salmo)

Em Portugal temos um anjo que nos protege e que nos lembra que a construção do país é uma tarefa de todos. Todos os católicos são anjos de Portugal. Anjos de luz, não anjos de maledicência, não anjos de braços caídos, não anjos de cabeça baixa. Anjos para nos empenharmos a fundo, para fazermos o nosso papel de anjos de Portugal, sob pena de o anjo Miguel, um dia, nos atirar à cara que teve que lutar contra anjos católicos entregues ao desespero e à inércia.

Qui, 11 – S. BARNABÉ (Memória)

Act 11, 21-26; 13, 1-3 / Slm 97 (98), 1-6 / Mt 10, 7-13

Se for digna, desça a vossa paz [sobre essa casa]. (Evangelho)

O que será esta dignidade que Jesus exige que uma casa tenha para receber os discípulos? Não é, com certeza, a dignidade que muitas vezes empregamos como um eufemismo para luxo. «Mobilar com dignidade, servir uma refeição com dignidade», etc. O que será a dignidade para Jesus? O que é que

os Evangelhos me dizem? Que digno é aquele que precisa da Palavra. Neste caso, da palavra que os discípulos vão pregar. O leitor medita a Palavra, tirando fruto?

Sex, 12 – SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (Solenidade)

Os 11, 1.3-4.8c-9 / Is 12, 2-3.4bcd.5-6 / Ef 3, 8-12.14-19 / Jo 19, 31-37

Hão-de olhar para aquele que trespassaram. (Evangelho)

A cruz é-nos tão familiar que se tornou banal e perdeu a sua característica chocante. No entanto, o significado último da cruz também não é a exposição do sofrimento de Cristo, mas a demonstração do amor de Deus. Representa o cume do amor de Deus por nós, o que, em alturas de desalento nosso, é sempre bom lembrar. É sempre bom lembrar o quanto Deus nos ama. Quando estiver desalentado, o leitor não se esqueça. Para isso, hoje reze sobre isto.

Sáb, 13 – SANTO ANTÓNIO DE LISBOA (Festa)

Sir 39, 8-14 / Slm 18B (19B), 8.9.10.11 / Mt 5, 13-19

Mas se ele perder a força, com que há-de salgar-se? (Evangelho)

Muitas vezes, já não temos forças, já estamos sem força, sem imaginação, sem ideias, sem saber o que fazer, exaustos, quase exangues, nem conseguimos rezar. Só queremos desligar do mundo e da oração formal. Não damos mais. E o que é que podemos fazer? Basta que não nos fechemos completamente a Deus e Ele actuará.

Dom, 14 – DOMINGO XI DO TEMPO COMUM – Ano B

Ez 17, 22-24 / Slm 91 (92), 2-3.13-14.15-16 / 2 Cor 5, 6-10 / Mc 4, 26-34

A liturgia da Palavra deste domingo vem falar-nos do reino de Deus através da imagem da semente. Pequenininha e aparentemente insignificante, tem em si a capacidade de crescer e de dar muito fruto. Cada um de nós

pode colaborar na obra de Deus colocando-se ao serviço do Reino com aquilo que é. Não são precisos muitos dotes nem talentos, basta a abertura à acção de Deus e o compromisso em colaborar com a Igreja de Jesus Cristo.



No Evangelho de S. Marcos, Jesus diz-nos que o reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Sem grande esforço da sua parte, a terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga pronto a colher. Jesus diz ainda que se pode comparar o reino de Deus ao grão de mostarda «que, ao ser semeado na terra, é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer, e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra». São imagens simples, tiradas do quotidiano da vida de quem trabalha a terra. Nas duas parábolas estão alguns ensinamentos que é preciso não perder.

A primeira parábola diz-nos que o dinamismo do crescimento do Reino e da sua consolidação dependem fundamentalmente do Senhor. A semente é um corpo pequenino que contém em si, em potência, a capacidade de ser planta, depois espiga e por fim fruto maduro, num processo lento que acontece a partir da terra; do mesmo modo, pelo baptismo, os cristãos tornam-se terreno fértil

capaz de fazer crescer a fé. Na fragilidade do corpo, o crente experimenta a força do Espírito que o diviniza. A este respeito, diz S. Paulo na Epístola aos Coríntios que é na realidade terrena que «caminhamos à luz da fé». O que é preciso fazer para manter este dinamismo em nós é cuidar da relação com Jesus através da oração, de uma vida sacramental regular – na missa semanal e na confissão frequente – e do serviço à comunidade eclesial, nomeadamente junto de quem mais precisa de apoio e companhia. Há que sair da «zona de conforto» e ir até às periferias, como tanto nos tem pedido o Papa Francisco, onde o reino de Deus também deve chegar.

A segunda parábola insiste na força expansiva da pequena semente da mostarda, até se tornar a maior de todas as plantas da horta, de tal forma que os seus ramos podem abrigar à sua sombra as aves. Diz a profecia de Ezequiel, que lemos na primeira leitura, que o Senhor plantará, «na excelsa montanha de Israel», um ramo de um cedro frondoso; «ele lançará ramos e dará frutos e tornar-se-á um cedro majestoso. Nele farão ninho todas as aves, toda a espécie de pássaros habita-

rá à sombra dos seus ramos». O reino de Deus não tem limites, acolhe todos os homens e mulheres de boa vontade, sem condição de raça, cultura ou estrato social. Mas para que chegue a todos é preciso que cada

um faça a sua parte, acolha também quem vive ao seu lado, promovendo a paz, a união entre as pessoas, visitando os mais sós, curando os doentes e anunciando a vida de Jesus no meio de nós.

Seg, 15 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 6, 1-10 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Mt 5, 38-42

Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda. (Evangelho)

Nesta passagem, Jesus está a falar em sentido figurado. Está a referir-Se à Lei de Talião e está a dizer que as pessoas não devem resistir odiosamente. Mas não está a fazer a apologia da exploração de um homem por outro. Aliás, quando bateram a Jesus na paixão, Ele não Se deixou ficar (Jo 18, 22). Por outro lado, fala do amor aos inimigos. Mas isso não é dar a cara. É rezar por eles, é não lhes querer mal, é uma atitude de mansidão para com eles. Isso basta.

Ter, 16 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 8, 1-9 / Slm 145 (146), 1-2.5-6ab.6c-7ab.7c-8ab.8c-9ab / Mt 5, 43-48

Amai os vossos inimigos. (Evangelho)

Amar alguém é fazer o que é melhor para esse alguém. E, muitas vezes, o melhor para um inimigo é não se dar connosco. Então, devemos evitar dar-mo-nos com ele para não criarmos situações de atrito em que os ânimos se exaltem, volte a antiga relação, algumas vezes doentia, ou uma situação em que saíamos ofendidos e humilhados. Amar o inimigo não é conviver com ele. É ver o que mais se adequa à relação com ele.

Qua, 17 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 9, 6-11 / Slm 111 (112), 1-2.3-4.5.9ab / Mt 6, 1-6.16-18

Tende cuidado em não praticar as vossas boas obras diante dos homens. (Evangelho)

Há boas acções que se fazem não só, mas também, para os outros verem, porque nos dão prestígio, porque está na moda ajudar esta ou aquela causa. Essas acções têm dentro de si uma erva daninha, a do egoísmo, não são verdadeiramente boas acções, não são feitas por um coração convertido. O coração convertido não pratica as suas boas acções em frente aos homens. Pratica as boas acções com o critério do Evangelho. O leitor sabe qual é?

Qui, 18 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 11, 1-11 / Slm 110 (111), 1-2.3-4.7-8 / Mt 6, 7-15

... não nos deixeis cair em tentação. (Evangelho)

Como é que na tentação nos podemos agarrar a Deus? Podemos agarrar-nos às pessoas que nos ajudam, podemos agarrar-nos à oração. Podemos agarrar-nos à persistência. E a mais coisas. As manifestações da ajuda de Deus são várias e, às vezes, superar o pecado pode demorar dezenas de anos. Mas para alguma coisa temos fé, não? Caro leitor, medite sobre a qualidade da sua fé a este respeito.

Sex, 19 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 11, 18.21-30 / Slm 33 (34), 2-7 / Mt 6, 19-23

Não acumuleis tesouros na terra. (Evangelho)

Acumular só tem sentido para ser gasto. É justo acumular para depois gastar. Mas agarrarmo-nos aos tesouros e não gastarmos não é justo. Aquilo que acumulamos tem sempre que ter uma função evangélica. Seja o que nós estudamos nas horas livres, seja o dinheiro que acumulamos, seja os empregos ou a reforma que fomos acumulando ao longo dos anos e que agora gozamos. Todo o acumulado tem que ser gasto segundo os valores do Evangelho. O leitor aplica esse valores ao que acumula? Medite sobre isso.

Sáb, 20 – SEMANA XI DO TEMPO COMUM

2 Cor 12, 1-10 / Slm 33 (34), 8-13 / Mt 6, 24-34

Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. (Evangelho)

Esta é a chave para não nos preocuparmos com o que havemos de comer. Se todos procurássemos primeiro o reino de Deus e a justiça, a terra daria o suficiente para todos. Temos, pois, que procurar a justiça e o Reino antes de nos preocuparmos com o que havemos de comer. É a inversão destes valores que dá a sofreguidão que esgota recursos. Façamos a nossa parte e rezemos sobre isso.

Dom, 21 – DOMINGO XII DO TEMPO COMUM – Ano B

Job 38, 1.8-11 / Slm 106 (107), 23-24.25-26.28-29.30-31 / 2 Cor 5, 14-17 / Mc 4, 35-41

Com frequência, temos de enfrentar tempestades na vida, momentos de dificuldade e de dúvida que nos fazem tremer. Nestas alturas, desconfiamos mais das promessas de Jesus e sentimos que vacilamos na fé. A liturgia da Palavra de hoje vem dizer-nos para confiarmos mais em Deus.

A primeira leitura traz-nos um excerto do Livro de Job. Job era o exemplo do homem justo e temente a Deus, cumpridor dos seus deveres sociais e religiosos, atento às necessidades de quem vivia ao seu lado. Inesperadamente, a sua vida é marcada pelo sofrimento, pela perda dos seus bens e pela morte dos seus familiares. Uma tempestade vai abater-se sobre si e Job vai aprender a descobrir Deus até mesmo onde não esperava. O nosso texto recorda isto mesmo quando diz: «O Senhor respondeu a Job do meio da tem-

pestade». A presença de Deus faz-se sentir ali mesmo, onde Job menos espera. Se é mais fácil rezar e ser um bom crente nas facilidades da vida, não quer dizer que Deus Se afasta quando surgem as dificuldades. Como Job, não podemos ceder à tentação do desespero e do desânimo quando tudo parece correr mal. Há que aprender a relativizar os problemas para que não nos tirem a clareza do espírito, a paz ou o sentido para a vida. É preciso confiar e entregar. Muitas vezes, é no meio das tempestades que surge com mais clareza a voz de Deus, que traz a esperança de uma vida nova.

O Evangelho segundo S. Marcos apresenta o episódio da tempestade que faz os Apóstolos vacilar na fé. Ao cair da tarde, Jesus convida os amigos a passar para a outra margem do lago. Na travessia, levanta-se

uma grande tormenta com ondas «altas que enchiam a barca de água. Jesus, à popa, dormia com a cabeça numa almofada». Assustados, acordam o Mestre que tranquiliza o mar e lhes diz: «Porque estais tão assustados? Ainda não tendes fé?» Como na experiência de Job, também os discípulos de Jesus temem as adversidades do vento, na tempestade da vida. Mas Jesus está lá com eles, na barca, apesar de nem sempre se fazer notar. Nunca estamos sozinhos a enfrentar as tempestades que se levantam no mar, ainda que algumas vezes pareça que é assim. Onde está o segredo das pessoas que não perdem a serenidade, quando a vida lhes troca as voltas à harmonia e ao bem-estar? Como podemos viver, também nós, de um modo

semelhante, sem deixarmos que a nossa fé vacile nas tribulações? Acolhida em Jesus, a tribulação faz crescer a paciência, a firmeza, a perseverança e a resistência. É o lugar da maturação da relação, a «prova dos nove» que solidifica a fé, a esperança e a abertura ao próximo que vive ao nosso lado.

Por fim, diz S. Paulo na segunda Epístola aos Coríntios: «Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas antigas passaram: tudo foi renovado». O Apóstolo convida-nos a renovar o nosso estilo de vida a partir da vida do Ressuscitado. É conhecendo Jesus que nos recriamos à sua imagem e semelhança e até das tempestades da vida fazemos oportunidade de crescimento na fé.

Seg, 22 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gn 12, 1-9 / Slm 32 (33), 12-13.18-19.20.22 / Mt 7, 1-5

Tira primeiro a trave da tua vista e então verás bem para tirar o argueiro da vista do teu irmão. (Evangelho)

Temos, pois, que ver bem. Temos, pois, que tirar a trave da nossa vista. Não deve ser difícil, porque é uma trave – é grande. Mas deve ser difícil, porque é uma trave – é pesada. Então, como havemos de fazer? Como é que se levanta uma trave pesada? Com ajuda. Se tu me ajudares a levantar a minha trave pesada, eu posso ajudar-te a tirar o teu argueiro. Mas para isso precisamos de humildade. O leitor tem-na? Reze sobre isso.

Ter, 23 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gn 13, 2.5-18 / Slm 14 (15), 2-3ab.3cd-4ab.5 / Mt 7, 6.12-14

Como é estreita a porta e apertado o caminho... (Evangelho)

A porta é estreita e o caminho apertado. Mas o caminho só é apertado ao princípio. O caminho do amor abre-se cheio de possibilidades, tornando-se cada vez mais largo. O caminho do pecado tem uma porta muito larga e acolhedora, mas depois estreita-se na angústia, na ansiedade, no vício, no sofrimento. O leitor veja se não é assim.

Qua, 24 – NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA (Solenidade)

Is 49, 1-6 / Slm 138 (139), 1-3.13-14ab.14c-15 / Act 13, 22-26 / Lc 1, 57-66.80

Na verdade, a mão do Senhor estava com ele... (Evangelho)

Quando lemos esta frase assimilamos: «a mão do Senhor estava ESPECIALMENTE com ele». E provavelmente é isso que a frase quer dizer. Mas temos que ter em atenção que a mão do Senhor também está connosco. E que é que isso quer dizer? Quer dizer muitas coisas. Mas eu não vou dizer ao leitor aquilo que me parece, vou deixá-lo meditar no assunto. O que significa para o leitor a mão de Deus estar consigo?

Qui, 25 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gn 16, 1-12.15-16 / Slm 105 (106), 1-2.3-4a.4b-5 / Mt 7, 21-29

Nunca vos conheci. (Evangelho)

A nossa caridade é muito limitada e, muitas vezes, com uma desproporção enorme em relação ao que gastamos connosco. Talvez pudéssemos fazer este exercício: darmos uma esmola de cada vez que compramos uma coisa supérflua. Querem ver que o leitor só gasta no que é preciso? A noção de supérfluo é uma coisa terrível. Então, quando começamos a falar em livros... Parece que os livros nunca são supérfluos. Mas o leitor lembre-se do que disse o Pessoa: Jesus não tinha biblioteca. (Poema «Liberdade»)

Sex, 26 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gn 17, 1.9-10.15-22 / Slm 127 (128), 1-2.3.4-5 / Mt 8, 1-4

Eu quero, fica curado. (Evangelho)

Caro leitor, veja o que em si precisa de ser curado e ponha isso no colo de Deus. Veja o que acontece. Quero dizer, veja o que é que Deus faz com isso. E pergunte a Deus o que é que o leitor há-de fazer com isso; com isso que está doente. Pode ser um pecado, um defeito, uma mania, enfim, o leitor é que sabe...

Sáb, 27 – SEMANA XII DO TEMPO COMUM

Gn 18, 1-15 / Lc 1, 46-48.49-50.53-54 / Mt 8, 5-17

... haverá choro e ranger de dentes. (Evangelho)

Vou dar ao leitor a minha visão do inferno. Porquê? Porque a repulsa pelo mal também nos ajuda a escolher o bem. O choro e ranger de dentes do inferno são próprios de quem escolheu o mal, mas contempla a felicidade que é estar com Deus por toda a eternidade. Por isso, chora de desespero e range os dentes de raiva pela sua situação. O leitor não quer isso por toda a eternidade, pois não?

Dom, 28 – DOMINGO XIII DO TEMPO COMUM – Ano B

Sab 1, 13-15; 2, 23-24 / Slm 29 (30), 2.4.5-6.11.12a.13b / 2 Cor 8, 7.9.13-15 /

Mc 5, 21-43

A nossa fé tem por base o Deus da vida. Não existimos nem por acaso, nem sem finalidade alguma, mas por Amor e para amar. É nesta lógica que as leituras deste domingo nos vêm falar da vida como uma característica de Deus oferecida à humanidade.

O Livro da Sabedoria recorda que «Deus criou o homem para ser incorruptível e fê-lo à ima-

gem da sua própria natureza». É para alcançar a vida eterna que cada um de nós foi criado e percorre os caminhos da vida humana. Sabemos que há sempre dificuldades a enfrentar, contrariedades a resolver e até experiências de luto a integrar. Mas «não foi Deus Quem fez a morte, nem Ele Se alegra com a perdição dos vivos. Pela criação

deu o ser a todas as coisas, e o que nasce no mundo destina-se ao bem», diz ainda o autor deste Livro. A sabedoria do cristão está em saber viver a vida à luz de Cristo ressuscitado, fazendo o bem, promovendo a justiça, ajudando quem mais sofre, visitando os mais abandonados, partilhando o que tem em excesso e por aí adiante. Recriado e renovado, o justo dirá como o salmista: «Eu Vos glorifico, Senhor, porque me salvastes. Vivificastes-me. Senhor, sede Vós o meu auxílio. Vós convertestes em júbilo o meu pranto: Senhor, meu Deus, eu Vos louvarei eternamente».

A mesma experiência de vida é encontrada no relato do Evangelho de S. Marcos que hoje nos é proposto. Jesus é interpelado por Jairo, chefe da sinagoga, cuja filha estava a morrer e que Jesus irá levantar. Logo de seguida, uma mulher que tinha um fluxo de sangue havia doze anos toca-lhe na orla do manto e fica curada. Estamos diante de dois episódios que trazem a marca da vida: Jesus cura; Jesus levanta. O Filho de Deus é o Senhor da vida que vem para libertar a humanidade do mal que faz sofrer, que oprime e, tantas vezes, escraviza. À mulher curada, assustada

e a tremer, Jesus diz: «Minha filha, a tua fé te salvou»; a Jairo, suplicante, diz ainda Jesus: «Não temas; basta que tenhas fé». Pela fé somos curados do nosso pecado, dos vícios que nos tiram a liberdade, da intolerância para quem é diferente de nós na forma de pensar e de agir, do reclamar sempre o nosso bem-estar e segurança, da dificuldade em perdoar ou em ser perdoado. Também pela fé somos levantados quando nos sentimos vencidos e derrotados, sem forças e desanimados.

A Segunda Epístola de S. Paulo aos Coríntios completa o discurso com a consciência de que a vida também acontece quando brota da entreajuda e da partilha fraterna. Diz o Apóstolo que é preciso agir de acordo com «a generosidade de Nosso Senhor Jesus Cristo: Ele, que era rico, fez-Se pobre por vossa causa, para vos enriquecer pela sua pobreza. Não se trata de vos sobrecarregar para aliviar os outros, mas sim de procurar a igualdade». Neste domingo somos convidados a ser portadores de vida, a curar quem sofre e a levantar quem está caído à imagem e semelhança de Jesus. É dando que se recebe e é construindo o reino de Deus que se fortalece a fé.

Seg, 29 – S. PEDRO E S. PAULO, APÓSTOLOS (Solenidade)

Act 12, 1-11 / Slm 33 (34), 2-9 / 2 Tim 4, 6-8.17-18 / Mt 16, 13-19

E vós, quem dizeis que Eu sou? (Evangelho)

Quem é que Deus tem sido na vida do leitor? Pense nas suas experiências com Deus e veja a que se adequa mais ao momento que está a atravessar. Depois, reviva essa experiência adaptada a esta situação concreta. Pode ser que a ilumine, que a melhore. Ou, então, reviva só essa experiência antiga sob uma perspectiva determinada, explore essa perspectiva e desenvolva-a.

Ter, 30 – SEMANA XIII DO TEMPO COMUM

Gn 19, 15-29 / Slm 25 (26), 2-3.9-10.11-12 / Mt 8, 23-27

[Jesus] falou imperiosamente ao vento e ao mar. (Evangelho)

Teria Jesus que falar «imperiosamente» para ser obedecido? Não bastaria ser quem era? Mas, no texto, «imperiosamente» contrasta bem com a fúria do mar e do vento. Se estivesse escrito «... e Jesus disse ao mar e ao vento que se acalmassem», o texto perderia força. Tal como no texto, na nossa vida também há uma diferença grande entre ouvirmos Jesus dizer-nos e ordenar-nos imperiosamente. Como é que o leitor ouve Cristo? E como é que põe em prática o que ouve? (Com displicência ou imperiosamente?)